

## Perturbações nas florestas habitadas: conexões possíveis com o Cerrado e a Mata Atlântica

Disturbances in inhabited forests: possible connections with the Cerrado and the Atlantic Forest

OLIVEIRA, Juliana Fernandes Silva de<sup>1</sup>; BRANDÃO, Juzânia Oliveira da Silva <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, prof.julianaferoli@gmail.com; <sup>2</sup> Universidade de Brasília, juzania@gmail.com

## RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

# Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: Este artigo objetiva refletir sobre as relações de comunidades campesinas com outras espécies para a simpoiese de florestas habitadas. A estética da floresta habitada, ao contrário da ideia de *wilderness*, vem do saber tradicional pela adaptação a particularidades e necessidades humanas e não humanas que se conectam harmonicamente. Essas florestas são locais do encontro e de sintonizações multiespécies. As socioflorestas são espaços naturais que mantêm sua biodiversidade em conjunto com as características sociais ou culturais. O manejo sustentável é fator basilar ao agrossistema de recuperação de áreas degradadas para restaurar a biodiversidade. Nesse sentido, os conceitos de socioflorestas e de florestas perturbadas, ou florestas habitadas auxiliam o processo de reaproximação entre natureza e cultura. Como parte do percurso de doutoramento das autoras, este trabalho foi construído a partir de pesquisa bibliográfica, com posterior aplicação dos conceitos abordados nos campos de pesquisa.

**Palavras-chave**: relações multiespécies; floresta perturbada; socioflorestas; saber tradicional; biodiversidade.

## Introdução

A proteção da natureza é geralmente atrelada à ideia de preservação como restrição da permanência aos seres humanos, que segue, no Brasil, o padrão estadunidense de *wilderness*, com a biodiversidade "exceto-humana" e apartando as comunidades humanas, tidas, por sua vez, como invasoras e destruidoras. Áreas protegidas são vistas como ilhas de natureza intocada, não-habitadas, para frear o avanço da expansão agrícola servir para lazer de populações urbanas (DIEGUES, 2008).

As populações tradicionais, campesinas são destruidoras dos ambientes em que vivem ou há ali formas outras de relação simbiótica e de profundo conhecimento da natureza? Os saberes tradicionais, os modos de vida e de manejo das florestas por essas comunidades trazem consigo a subsistência como questão fundamental para a continuidade da vida e de seu trabalho particulares nas localidades.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é justamente refletir acerca dessas relações de comunidades humanas com a floresta. Para isso, baseiam-se as reflexões nos



conceitos de socioflorestas (FURLAN, 2006) e florestas perturbadas (TSING, 2019). Para Tsing (2019), não há apenas florestas naturais. A proibição de entrada nas áreas de estoque endêmico de *wilderness* é homogeneizante, enquanto as florestas perturbadas são locais que sofreram adaptações antropogênicas, desastrosas ou não, mas que as tornaram *locus* do encontro multiespécies. As perturbações podem ser práticas de cuidado, que se traduzem em formas de manejo do desequilíbrio de espécies agressivas como o bambu ou a jaqueira, por exemplo.

Já as socioflorestas são espaços naturais que mantêm sua biodiversidade em conjunto com as características sociais ou culturais. Tal qual em Furlan (2006), são florestas que tem seu manejo realizado pelas populações rurais, ou tradicionais, particularmente em territórios indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhas, caiçaras, entre outras. Aqui, esses grupos sociais desempenham um papel central no manejo dessas "florestas culturais".

A Ilha Grande, considerada a maior ilha do Estado do Rio de Janeiro, em Angra dos Reis, situa-se em área coberta pelo bioma Mata Atlântica e território de populações caiçaras. Após a criação de áreas protegidas em praticamente toda a extensão territorial e a consequente entrada do Turismo, muitas dessas comunidades não são, entretanto, vistas como tal, embora assim se identifiquem.

A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) Pé na Terra está localizada em Planaltina, Região Administrativa do Distrito Federal, onde sua produção agroecológica é repassada a moradores da Asa Sul e Norte da mesma Unidade da Federação. Esta se origina de uma resposta das comunidades de agricultores familiares como alternativa para manutenção de seu sustento e continuidade de suas atividades. Pois, a cada ano que se passa tem sido mais difícil competir, economicamente, com produtores da agroindústria na comercialização de produtos agrícolas com ideologias e intencionalidades distintas na forma de manejo e produtividade, na vida e no cuidado com a terra e, principalmente, nas relações socioambientais distintas em cada tipo de produção.

Trata-se aqui, por meio do CSA, especificar suas formas de atuação e como reverberações na comunidade engajada, nas ações e no meio ambiente. Acredita-se que as CSAs promovam, efetivamente, uma mudança social positiva por deter as características de um "fazer" do empreendedorismo social por ser um movimento que gera, na comunidade, uma mudança massiva do modo de se alimentar.

#### Metodologia

Este estudo baseia-se nas experiências das autoras durante as pesquisas do doutorado de ambas, em andamento. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, buscando conexões entre os conceitos trabalhados em cada uma, centralizando nas socioflorestas (FURLAN, 2006) e nas florestas perturbadas (TSING, 2022).



As pesquisas em campo ocorreram em duas localidades distintas: na CSA Pé na Terra – Planaltina, DF, bioma Cerrado; e na Ilha Grande – Angra dos Reis, RJ, bioma Mata Atlântica. A pesquisa em campo na Ilha Grande realizou-se entre 2010 e 2023. Utilizou-se de entrevistas semiestruturadas, com questões relacionadas à relação das comunidades caiçaras com o seu ambiente de vivência, e observação direta não-estruturada.

Já a pesquisa na CSA Pé na Terra, a obter dados, informações, respostas contidas nas interações entre os agricultores e co-agricultores, conversas informais, que, a partir da leitura de Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2015, p. 14), utiliza-se da pesquisa-intervenção como meio para alcançar a subjetividade do campo estudado, formando um "conjunto de linhas em conexão e de referências, cujo objetivo é desenvolver e coletivizar a experiência".

Ambas com o intuito de responder às questões: Como essa remodelação da agricultura familiar, através da agroecologia e responsabilidades compartilhadas entre os sujeitos que produzem e os que adquirem esses produtos, constituem um senso comunitário? Como esse senso comunitário pode auxiliar na manutenção das socioflorestas ou florestas perturbadas?

A análise de dados foi feita levando em consideração o cruzamento dos conceitos e sua aplicabilidade aos campos de pesquisa, com comparação entre as experiências.

#### Resultados e Discussão

Haraway (2022) problematiza as fronteiras entre natureza e cultura, propondo formas de produção de vida pela simpoiese, ou seja, um "fazer-com". O momento atual, como coloca Krenak (2020) nega a diversidade de formas de vida, mas algumas comunidades, ainda agarradas à terra, invisibilizadas pela parte urbano-industrial, têm uma outra relação com a natureza, porque não foram dissuadidos de sua vida pelas verdades produzidas pela ideia de supremacia humana.

A percepção das populações urbanas sobre o mundo natural, traduzido pelo conceito de "wilderness", reforça o distanciamento entre natureza e cultura, ao restringir a permanência de pessoas sem autorização em áreas protegidas (FROTA, 2019).

Por um lado, a criação das unidades de conservação na Ilha Grande foi responsável pela regeneração da mata com o declínio das atividades agrícolas, cerceou a vida dos caiçaras, impedindo-os de "roçar" e "matar peixe", o que passou a ser visto como crime ambiental. Havia segurança alimentar e nutricional. Hoje, não há muitas opções de alimentos nas roças, percebidas em menor quantidade, com área menor e fixas. Os ilhéus começaram a comprar, na cidade, o que antes plantavam e produziam: arroz, feijão, milho, açúcar da cana, café, batata, aipim, couve, pão (SILVA, 2013).



Tsing (2019) expõe que a estética da floresta camponesa é resultado do saber tradicional que surge da adaptação a particularidades humanas e não humanas que se conectam harmonicamente. Essas são florestas em áreas perturbadas, o local do encontro e das sintonizações multiespécies em assembleias polifônicas, e as perturbações podem ser práticas de cuidado, que se traduzem em formas de manejo do desequilíbrio de espécies agressivas como o bambu ou a jaqueira.

As perturbações podem trazer renovação ou destruição, e não necessariamente são humanas. Segundo Tsing (2022), alguns ecossistemas têm como condição favorável para o florescimento a presença humana, num cultivo concomitante não intencional entre humanos e não humanos, tecendo mundos e fazendo floresta.

A brotação e o florescimento não são pensados a partir da presença humana, mas com ela e as outras formas de vida. A simpoiese é ponto-chave para refletir sobre o cuidado e a ligação interespécie e a perturbação humana é ponto-chave entre os conceitos de florestas habitadas e socioflorestas. Durante uma conversa informal com um morador da Ilha Grande, surgiu um relato que coloca em perspectiva que alguns pássaros "apareciam mais quando a gente tinha roça [antes das restrições do órgão ambiental], tinha mais árvore com fruta perto de casa, e hoje a gente quase não vê nenhum, parece que as jaqueiras tomaram conta e eles não vem mais". Havia uma diversidade de árvores frutíferas nas redondezas, alimento para aquelas espécies e para as populações humanas. O plantio, enquanto perturbação humana, embora houvesse o desmatamento de algumas áreas para a roça de coivara, servia à sustentação da biodiversidade na floresta, e não à proliferação simples de espécies para o preenchimento de espaços antes ocupados pelas roças.

As socioflorestas são espaços que mantêm sua biodiversidade em conjunto com as características sociais ou culturais. Tal qual em Furlan (2006), são florestas que tem seu manejo realizado pelas populações rurais, ou tradicionais, particularmente em territórios indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhas e caiçaras. Esses grupos sociais desempenham um papel central no manejo dessas "florestas culturais".

Mesmo representando fator de extrema importância para esses territórios, esses "povos da tradição" estão sempre à margem quando se trata de estabelecimento de áreas e programas de conservação por parte das instituições estatais, estes que parecem insistir em perceber essas zonas de preservação natural como verdadeiros espaços vazios, amplamente difundidos e representados nas mais diversas cartografias, excluindo a existência das populações tradicionais ali territorializadas.

Como forma de implementar projetos vinculados aos sistemas agroflorestais e de desenvolvimento, modalidades que se utilizam do uso sustentável dessas áreas se potencializam como alternativas para produção de alimento, extração de produtos não madeireiros das florestas plantadas e nativas, para promover a segurança alimentar dos grupos sociais e ampliar possibilidades de geração de renda. Furlan (2006) ressalta que a manutenção da floresta é uma herança que conecta ambiente,



famílias e sua ancestralidade, e essas relações são dificultadas por questões fundiárias.

Como forma de atuação dos projetos que intentam fortalecer sistemas florestais, necessita-se realizar identificação de populações rurais que habitam essas áreas de floresta ou em suas bordas e caracterizar quais seriam as atividades potentes ao manejo sustentável que esteja vinculado a produção alimentar ou de matéria-prima que auxiliem e mobilizem a implementação de grupos associativos locais.

Um bom exemplo desta prática, em destaque na categoria de alternativas agroflorestais à recuperação de zonas degradadas é a implementação de agrossistemas voltado ao plantio de produção orgânica das CSAs, cita-se aqui o caso da Pé na Terra, situado na bacia do Pipiripau em Planaltina, Distrito Federal.

Neste estudo, os dois campos constroem uma perspectiva da realidade muito presente no cotidiano, representada pela pressão por meio das unidades de conservação para se readequarem a situação atual ambientalmente protetiva e socialmente excludente e a retomada da agricultura familiar, por meio da agroecologia, como resposta a produção de alimentos saudáveis em convívio harmônico com o resguardo e proteção da biodiversidade local.

A integração de manejo sustentável entre água, solo e biota é fator basilar ao agrossistema de recuperação de áreas degradadas em uma perspectiva de restaurar a biodiversidade, uma vez que todos esses sistemas são interdependentes. Nesta pequena área de produção da agricultura familiar de agroecologia, evidencia-se o esforço desse pequeno grupo em produzir alimentos em paralelo com a preservação do que ainda resta de bioma Cerrado na região, alinhado com o fato de, através da preservação do solo, também o cuidado com o sistema hídrico da região.

É importante ressaltar que, para atingir o manejo sustentável na agrofloresta, é imperativo o conhecimento das características para a Conservação *in situ*, tal qual destaca a Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), que traz o entendimento que população tradicionais ou agroecológicas abrigam hábitos de conservação e práticas de manejo sustentável. Ações que incluem desde plantio de alimentos para consumo próprio a extrativismo de insumos do Cerrado, como o pequi e o jatobá, e da Mata Atlântica, como a mandioca para a farinha da terra, além de uso medicinal de cascas e folhas de plantas de uso comuns.

#### Conclusões

A ideia de proteção da natureza atrelada ao conceito de *wilderness* não está somente desatualizada, ela não tem aplicabilidade no caso do Brasil e não leva em conta as particularidades locais. É importante proteger a natureza, desde que não se deixem de fora as espécies que se relacionam no fazer floresta. Ao criar áreas protegidas excluindo comunidades tradicionais, aumenta-se a separação entre



natureza e cultura, trazendo uma perturbação destruidora para as florestas. A perturbação gerada pelos espaços e trabalhos dessas comunidades humanas é positiva para a floresta, e podem ser vistas como fundamentais para sua revitalização.

A permanência das populações territorializadas em seu lugar de origem vai muito além de uma simples localização, perpassa pelo simbólico e pelo religioso dessas comunidades, representando a existência desses sujeitos como referencial de vida.

#### **Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

### Referências bibliográficas

BRASIL. **Convenção sobre Diversidade Biológica - CDB**. Cópia do Decreto Legislativo nº 2, de 5 de junho de 1992. Brasília, MMA: 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB, Universidade de São Paulo, 2008.

FROTA, Adolfo José de Souza. Wilderness e o Oeste americano. Ecoativismo e busca de redenção na natureza em Goodbye to a River e The Man who Rode Midnight. In: **Contexto.** Vitória, n. 36, 2019.

FURLAN, Sueli Angelo. Florestas Culturais: Manejo sustentável, Territorialidades e Sustentabilidade. Agrária, São Paulo, nº 3, p. 3-15, 2006.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram.** São Paulo: Editora Ubu, 2022.

PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia; ESCÓCIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TSING, Anna Lowenhaupt. O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: N-1 Editora, 2022.

\_\_\_\_\_. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.